

231

12

NORBERT ELIAS

O PROCESSO CIVILIZADOR

Volume 1

Uma História dos Costumes

Tradução:
ROY JUNGSMANN

Revisão e apresentação:
RENATO JANINE RIBEIRO

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

não parecia estranho nem de nenhuma maneira impróprio, mesmo na época de Erasmo.

Nas citações do século XVIII a tendência não continua em linha reta, em parte, porque ela não se limita mais, predominantemente, à classe alta. Mas no entretanto, mesmo em outras classes, tornou-se indubitavelmente mais raro que jovens dividissem a cama com outra pessoa: "Se for forçado por necessidade inevitável a dividir a cama com outra pessoa... em uma viagem, não é correto ficar tão perto dele que o perturbe ou mesmo o toque", escreve La Salle (Exemplo D) e: "Você não deve nem se despir nem ir para a cama na presença de qualquer outra pessoa."

Na edição de 1774, os detalhes são mais uma vez evitados em todos os casos possíveis. E o tom é visivelmente mais severo: "Se for forçado a dividir a cama com uma pessoa do mesmo sexo, o que raramente acontece, deve manter um rigoroso e vigilante recato" (Exemplo E). Este é o tom da injunção moral. Até mesmo dar uma razão tornou-se penoso para o adulto. Pela ameaça do tom, a criança é levada a associar essa situação a perigo. Quanto mais o padrão "natural" de delicadeza e vergonha parece aos adultos e quanto mais o controle civilizado de ânsias instintivas é aceito como natural, mais incompreensível se torna para os adultos que as crianças não sintam "por natureza" esta delicadeza e vergonha. Necessariamente as crianças tocam repetidamente o patamar adulto de embaraço e — uma vez que não estão ainda adaptadas — transgridem os tabus da sociedade, cruzam o patamar adulto de vergonha, e penetram em zonas de perigo emocionais que o próprio adulto só com dificuldade consegue controlar. Nesta situação, o adulto não explica as exigências que faz em matéria de comportamento. Não tem como fazê-lo adequadamente. Está tão condicionado que se conforma de maneira mais ou menos automática a um padrão social. Qualquer outro comportamento, qualquer desobediência às proibições ou restrições que prevalecem em sua sociedade, implica perigo e uma desvalorização das restrições que ele mesmo se impõe. A conotação peculiarmente emocional tão amíúde ligada a exigências morais, à severidade agressiva e ameaçadora com que são frequentemente defendidas, refletem a ameaça que qualquer desafio às proibições representa para o equilíbrio instável de todos aqueles a cujos olhos o padrão de comportamento da sociedade se tornou mais ou menos uma "segunda natureza". Essas atitudes são sintomas da ansiedade despertada nos adultos em todos os casos em que a estrutura de sua própria vida instintiva, e com ela sua própria existência social e ordem social onde se radica, é, mesmo remotamente, ameaçada.

Uma série completa de conflitos específicos — acima de tudo, aqueles entre pais (geralmente mal-preparados para condicionar) e filhos, conflitos decorrentes do avanço da fronteira da vergonha e da crescente distância entre gerações e, por conseguinte, fundamentados em grande parte

na estrutura da própria sociedade civilizada — é explicada por tal situação. Esta, aliás, só em tempos relativamente recentes veio a ser compreendida pela sociedade, e antes de tudo por pequenos grupos de educadores profissionais. E só agora, na era que tem sido chamada de "o século da criança", surge o entendimento de que, dado o aumento da distância entre uns e outros, crianças não podem se comportar como adultos que lentamente iriam penetrando no círculo familiar com os apropriados conselhos e instruções pedagógicos. No longo período precedente, prevalecia a atitude mais severa de que a moralidade e o respeito pelos tabus deviam estar presentes nas crianças desde os primeiros anos. E não se pode, por certo, dizer que esta atitude desapareceu de todo nos dias atuais.

Os exemplos sobre o comportamento no quarto de dormir transmitem, a um segmento limitado, uma certa impressão de que só tardiamente a tendência para adotar essas atitudes atingiu seu pleno desenvolvimento na educação secular.

A linha seguida por esse desenvolvimento quase dispensa elucidação ulterior. Neste particular, também, mais ou menos da mesma maneira que no caso dos hábitos à mesa, a parede entre pessoas, a reserva, a barreira emocional erigida pelo condicionamento entre um corpo e outro cresceram sem cessar. Dividir uma cama com pessoas estranhas ao círculo familiar fica cada vez mais embaraçoso. A menos que a necessidade determine o contrário, torna-se comum, mesmo na família, que cada um tenha sua própria cama e, finalmente — nas classes média e alta — seu próprio quarto. Desde cedo as crianças são treinadas nesse isolamento dos demais, com todos os hábitos e experiências que isto traz. Só se lembramos como parecia natural na Idade Média que estranhos, crianças e adultos compartilhassem a mesma cama é que poderemos compreender que mudanças nos relacionamentos interpessoais se manifestam em nossa maneira de viver. E reconhecer como está longe de axiomático que a cama e o corpo devam formar essas zonas de perigo psicológicas, como acontece na fase mais recente da civilização.

IX

Mudanças de Atitude nas Relações entre os Sexos

1. O sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais humanas tem aumentado e mudado muito no processo de civilização.⁸¹ Isto se manifesta com especial clareza na dificuldade experimentada por adultos, nos estágios mais recentes de civilização, em falar com crianças sobre essas re-

lações. Hoje, porém, esta dificuldade parece quase natural. Afigura-se que, por razões quase biológicas, a criança nada sabe sobre as relações entre os sexos e que é tarefa extremamente delicada e difícil esclarecer a meninas e meninos em crescimento o que está acontecendo com eles e o que acontece em volta. A extensão em que esta situação, muito longe de ser evidente por si mesma, constitui mais um resultado do processo civilizatório, só é entendida se observarmos o comportamento de pessoas em um estágio diferente de desenvolvimento. O destino que coube aos famosos *Colóquios* de Erasmo constitui um bom exemplo no particular.

Descobriu Erasmo que uma das obras de sua juventude fora publicada sem sua permissão de forma deturpada, com acréscimos de outras pessoas e, em parte, em mau estilo. Revisou-a, e ele próprio a publicou sob novo título de 1522, *Familiarum colloquiorum formulæ non tantum ad linguam puerilem expoliandam, verum etiam ad vitam instituendam* (Colóquios familiares, destinados não só a aprimorar a língua dos jovens, mas também a educá-los para a vida).

Trabalhou nesse texto, ampliando-o e melhorando-o, até pouco antes de sua morte. A obra transformou-se no que desejara, não só em um livro em que meninos pudessem aprender bom estilo latino, mas que poderia servir também, como sugere o título, para apresentá-los à vida. Os *Colóquios* tornaram-se um dos trabalhos mais famosos e mais lidos de sua época. Da mesma forma que seu tratado *De civitate morum puerilium*, tiveram inúmeras edições e traduções. E, como ele, essa obra tornou-se um livro-texto, um trabalho-padrão na educação de meninos. Dificilmente outra coisa dá uma impressão mais contundente da mudança ocorrida na sociedade ocidental no processo de civilização, do que a crítica a que essa obra foi submetida por aqueles que ainda se julgavam obrigados a se preocupar com ela no século XIX. Um influente educador alemão, Von Raumer, a comenta nos seguintes termos em sua *Geschichte der Pädagogik* (História da Pedagogia):⁸²

Como pôde um livro como esse ser adotado em inúmeras escolas? O que crianças têm a ver com esses sátiros? A tarefa de reformar é assunto para homens maduros. Que sentido deviam meninos encontrar em diálogos sobre tantos assuntos dos quais nada entendiam: conversas nas quais os mestres são ridicularizados, ou entre duas mulheres sobre seus maridos, entre um pretendente e a moça que está cortejando, ou no colóquio "Adolescentis et Scorti?" (O Adolescente e a Prostituta)? Este último diálogo lembra a máxima de Schiller intitulada "Kunstgriff" (O jeito): "Se quer por igual agradar o mundano e o divino, mostre-lhes os prazeres da carne, mas mostre-lhes o demônio, também." Erasmo descreve aqui o desejo carnal na forma mais crua e, em seguida, acrescenta alguma coisa supostamente edificante. Esse livro é recomendado pelo Doctor Theologiae a um menino de oito anos, na suposição de que ele pode beneficiar-se com sua leitura.

O livro é realmente dedicado ao jovem filho do editor de Erasmo e o pai evidentemente não sentiu escrúpulos em publicá-lo.

2. O livro provocou violentas críticas tão logo apareceu. Mas não dirigidas principalmente a seus aspectos morais. O principal alvo era o "intelectual", o homem que nem era protestante ortodoxo nem católico rigoroso. A Igreja Católica, acima de todas, combateu os *Colóquios*, que indubitavelmente contêm ocasionais ataques virulentos a instituições e ordens da Igreja, e logo os pôs no Index.

Contra isto, porém, deve ser visto o extraordinário sucesso dos *Colóquios* e, acima de tudo, sua adoção como livro-texto. "De 1526 em diante", comenta Huizinga em seu *Erasmus* (Londres, 1924, p. 199), "houve, durante dois séculos, uma série quase ininterrupta de edições e traduções."

Nesse período, por conseguinte, o tratado de Erasmo deve ter permanecido como uma espécie de trabalho-padrão para um número muito considerável de pessoas. De que maneira devemos entender a diferença entre seu ponto de vista e o do crítico do século XIX?

No seu trabalho, Erasmo de fato trata de numerosas coisas que, com o progresso da civilização, haviam sido cada vez mais ocultadas dos olhos de crianças e que, no século XIX, em nenhuma circunstância teriam sido usadas como material de leitura para crianças, da maneira que Erasmo dessejara e expressamente declarara na dedicatória a seu afilhado de seis ou oito anos. Como frisa o crítico do século XIX, Erasmo apresenta nos diálogos um jovem fazendo a corte a uma moça. Mostra uma mulher queixando-se do mau comportamento do marido. E há mesmo uma conversa entre um rapaz e uma prostituta.

Não obstante, esses diálogos confirmam, exatamente da mesma maneira que o tratado *De civitate morum puerilium*, a delicadeza de Erasmo em todas as questões relativas à regulação da vida instintiva, mesmo que não corresponda inteiramente ao nosso próprio padrão. Representam mesmo, em comparação com o padrão da sociedade secular medieval, e até com o da sociedade secular de nossa própria época, uma mudança muito considerável rumo ao tipo de controle das ânsias instintivas que o século XIX justificaria, acima de tudo, sob a forma de moralidade.

Não há dúvida que o jovem que corteja a moça no colóquio "Proci et puellæ" (Namoro) declara com grande franqueza o que quer dela. Fala-lhe de seu amor por ela. Quando ela resiste, retuca que ela puxou metade de sua alma para fora do corpo. Diz que é permissível e certo conceber filhos. Pede-lhe que imagine como seria lindo quando ele como rei e ela como rainha governassem seus filhos e servçais. (Esta idéia mostra com grande clareza como uma distância psicológica menor entre adultos e crianças acompanhava com muita frequência a distância social mais longa.) Finalmente, a moça cede. Concorde em tornar-se sua esposa. Mas preserva, conforme diz, a honra de sua virgindade. Guarda-a para ele, diz. Recusa-lhe

mesmo um beijo. E como ele não desiste de ganhar o beijo, ela risonhamente lhe diz que, desde que, nas próprias palavras dele, lhe puxara metade da alma do corpo, e ele está quase morto, tem receio de que, com um beijo, possa puxar inteiramente a alma para fora e matá-lo.

3. Conforme já mencionado, Erasmo foi ocasionalmente censurado pela Igreja, mesmo ao tempo em que ainda vivia, pela "imoralidade" dos *Colóquios*. Mas não devemos ser induzidos em erro por esse fato e tirar falsas conclusões sobre o padrão concreto, particularmente o vigente na sociedade secular. Um tratado escrito contra os *Colóquios* de Erasmo, de uma posição conscientemente católica e sobre o qual falaremos mais adiante, não difere em nada do livro atacado no que diz respeito a referências francas a assuntos sexuais. O seu autor também era humanista. A novidade dos trabalhos humanistas, e em especial dos trabalhos de Erasmo, era exatamente a de não conformar-se ao padrão da sociedade religiosa, mas ser escrito do ponto de vista e para a sociedade secular.

Os humanistas eram representantes de um movimento que buscava libertar a língua latina de seu confinamento à esfera e tradição eclesiásticas e torná-la a língua da sociedade secular, pelo menos da classe alta secular. Um sinal nada trivial da mudança na estrutura da sociedade ocidental, já visto em tantos outros aspectos deste estudo, é o fato de que seus constituintes seculares sentem nesse momento crescente necessidade de uma literatura secular, erudita. Os humanistas são as molas propulsoras dessa mudança, os agentes dessa necessidade da classe alta secular. Em suas obras, a palavra escrita, mais uma vez, aproxima-se da vida social mundana. Experiências dessa vida encontram acesso direto à literatura erudita. Esta, também, é uma das vertentes do grande movimento de "civilização". E é aqui que tem que ser procurada uma das explicações da "revivescência" da antiguidade.

Erasmo deu certa vez incisiva expressão a esse processo exatamente na defesa dos seus *Colóquios*: "Da mesma forma que Sócrates trouxe a filosofia dos céus para a terra, eu levei a filosofia aos jogos e aos banquetes", diz nas notas à *De utilitate colloquiorum* que acrescentou aos *Colóquios* (ed. de 1655, p. 668). Por essa razão, esses escritos podem ser corretamente considerados como representando o padrão de comportamento da sociedade secular, pouco importando o quanto suas exigências de controle dos instintos e moderação de comportamento possam ter transcendido esse padrão e representado uma antevisão do futuro, um ideal.

Em *De utilitate colloquiorum*, diz Erasmo, no tocante ao diálogo "Proci et puellae" acima mencionado: "Eu desejaria que todos os pretendentes fossem iguais ao que descrevi e que conversassem da mesma maneira quando pensassem em casamento."

O que parece ao observador do século XIX a "mais baixa descrição de desejo carnal", o que mesmo pelos padrões atuais de vergonha deve ser

guardado em silêncio, particularmente diante de crianças, afigura-se a Erasmo, e a seus contemporâneos que ajudavam a difundir sua obra, como um modelo de conversa, idealmente apropriado para servir de exemplo aos jovens e, ainda na maior parte, um ideal quando comparado com o que realmente acontecia em volta deles.⁸³

4. O caso é semelhante nos outros diálogos mencionados por Von Raumer. A mulher que se queixa do marido é dito que ela terá que mudar seu próprio comportamento e que depois, o marido mudará o seu. E a conversa do jovem com a prostituta termina com a condenação por ele do indecoroso estilo de vida que ela leva. E preciso escutar toda a conversa pessoalmente para compreender o que Erasmo deseja erigir como exemplo para os jovens. A moça, Lucretia, não vê o jovem, Sophronius, há muito tempo. E, com toda clareza, ela o convida a fazer o que ele veio à sua casa para fazer. Mas ele pergunta se ela tem certeza de que não poderão ser vistos, se ela não tem um quarto mais escuro. E quando ela o leva para esse local, ele novamente tem escrúpulos. Tem ela realmente certeza que ninguém pode vê-los? "Ninguém pode nos ver ou ouvir, nem mesmo uma pulga", diz ela. "Por que hesita?" O jovem, porém, pergunta: "Nem mesmo Deus? Nem mesmo os anjos?"* E ele passa então a convertê-la com todas as artes da dialética. Pergunta-lhe se ela tem muitas inimigas, se não gostaria de aborrece-las. Ela não irritaria suas inimigas renunciando à vida naquela casa e tornando-se uma mulher honrada? E finalmente a convence. Secretamente, ele alugará um quarto para ela na casa de uma mulher respeitável. E, no início, cuidará do sustento dela.

* O texto desse trecho do diálogo é o seguinte:

SOPHRONIUS: Nondum hic locus mihi videtur satis secretus.

LUCRETIA: Unde iste novus pudor? Est mihi museion,⁸⁴ ubi repono mundum meum, locus adeo obscurus, ut vix ego te visura sim, aut te me.

SOPH: Circumspice rimas omnes.

LUC: Rima nulla est.

SOPH: Nullus est in propinquo, qui nos exaudiat?

LUC: Ne musca quidem, mea lux. Quid cunctaris?

SOP: Fallemus heic oculos Dei?

LUC: Nequamquam: ille perspicit omnia.

SOPH: Et angelorum?

SOPH.: Este lugar não me parece suficientemente reservado. LUC.: Como é que você ficou tão envergonhado assim, tão de repente? Bem, venha para meu vestiário particular. É tão escuro lá que a gente quase não vai se ver. SOPH.: Examine todas as frestas. LUC.: Não há fresta nenhuma. SOPH.: Não há ninguém por perto que possa nos escutar? LUC.: Nem mesmo uma mosca, meu querido. Por que está hesitando? SOPH.: Podemos escapar aqui do olho de Deus? LUC.: Claro que não. Ele tudo vê. SOPH.: E dos anjos?

Por mais “imoral” que a apresentação dessa situação (em um “livro para crianças”, logo ali) tente parecer a um observador de um período posterior, não é difícil compreender que, do ponto de vista de um padrão social diferente e de uma diferente estrutura de sentimentos, ele pudesse ser altamente “moral” e edificante.

A mesma linha de desenvolvimento, a mesma diferença de padrões, poderia ser demonstrada por grande número de exemplos. Com uma certa impotência, o observador do século XIX e, até certo ponto, do século XX, vê-se diante de modelos e regras de condicionamento do passado. E até que compreendamos que nosso próprio patamar de repugnância, nossa própria estrutura de sentimentos, evoluíram — em um processo estruturado — e seguem evoluindo, continua realmente quase incompreensível, do atual ponto de vista, como diálogos como esses pudessem ser incluídos em um livro escolar ou deliberadamente produzidos como material de leitura para crianças. Mas esta é exatamente a razão por que nosso próprio padrão, incluindo nossa atitude em relação às crianças, deve ser compreendido como algo que evoluiu.

Autores mais ortodoxos que Erasmo fizeram a mesma coisa que ele. A fim de substituir os *Colóquios*, suspeito de heresia, outros diálogos foram escritos, conforme já mencionado, por um católico rigoroso. Têm o título de *Johannis Morisoti medici colloquiorum libri quatuor, ad Constantinum filium* (Quatro livros de colóquios destinados a meu filho Constantino, por Jean Morisot — Basileia, 1549). São também escritos como manual para meninos, uma vez que, como diz o autor Morisot, ficamos amíde em dúvida, nos *Colóquios* de Erasmo, “se estamos escutando um cristão ou um pagão”. E em avaliações posteriores desta obra contrária, escrita de um ponto de vista estritamente católico, o mesmo fenômeno reaparece: ⁸⁵ Mas será suficiente apresentar o trabalho da forma como se reflete em um juízo de 1911:” ⁸⁶

No trabalho de Morisot, as meninas, moças e mulheres desempenham um papel ainda mais importante do que no de Erasmo. Em grande número de diálogos, só elas falam, e suas conversas, que mesmo no primeiro e segundo livros em absoluto são sempre inocentes, frequentemente se concentram nos dois últimos... ⁸⁷ Em assuntos tão perigosos que só podemos mesmo balançar a cabeça e perguntar: O severo Morisot escreveu mesmo isto para o filho? Reconhecemos que não devemos esquecer que o século XVI pouco sabia de recato e, freqüentemente, oferecia aos estudantes nos seus livros de exercícios material que nossos pedagogos dispensariam com prazer. Mas, outra pergunta! De que modo Morisot imaginou que esses diálogos fossem ser usados na prática? Meninos, rapazes e homens jamais poderiam usar como modelo de fala latina uma conversa em que só aparecem mulheres. Morisot, por conseguinte, não melhor que o despretado Erasmo, perdeu de vista a finalidade didática do livro.

A pergunta não é difícil de responder.

5. O próprio Erasmo nunca “perdeu de vista sua finalidade didática”. Seu comentário, *De utilitate colloquiorum*, mostra-o inequivocamente. Nele, deixa explícita que finalidade didática objetivava com suas “conversas” ou, mais exatamente, o que queria transmitir ao jovem. Sobre a conversa entre o jovem e a prostituta, por exemplo, diz: “O que poderia ter eu dito que tivesse sido mais eficaz para convencer o jovem da necessidade de pudor e de tirar a moça de casas tão perigosas e infames?” Não, ele nunca perdeu de vista a finalidade pedagógica. Ele tinha, metamente, um padrão diferente de vergonha. Queria simplesmente mostrar ao jovem o mundo como em um espelho, ensinar o que devia ser evitado e o que era conducente a uma vida tranqüila: “In senili colloquio quam multa velut in speculo exhibentur, quae, vel fugienda sunt in vita, vel vitam reddunt tranquillam!” (Nestes colóquios senis, quantas coisas são refletidas, de que devemos fugir na vida ou que tornem a vida tranqüila!)

A mesma intenção sem dúvida animou as conversas de Morisot e uma atitude semelhante transparece em muitos outros escritos educacionais da época. Todos eles se propõem a “apresentar a vida ao menino”, como diz Erasmo. ⁸⁸ Com isto, referem-se à *vida de adultos*. Em períodos posteriores, notar-se-á uma tendência crescente a dizer e mostrar como as crianças devem e não devem se comportar. Mas aqui o que se mostra a elas, apresentando-lhes a vida, é como os adultos devem e não devem se conduzir. Esta é a diferença. E não se adotou uma via, ou outra, como resultado de reflexão teórica. Para Erasmo e seus contemporâneos, era natural falar a crianças dessa maneira. Mesmo que submissos e socialmente dependentes, meninos viam desde cedo na mesma esfera social dos adultos. E estes não se impunham, nem em atos nem em palavras, o mesmo comedimento no tocante à vida social que aconteceria depois. Dado o diferente estado de controle de sentimentos gerado no indivíduo pela estrutura das relações interpessoais, a idéia de esconder rigorosamente esses impulsos no século e na privacidade seria, muito estranha para os próprios adultos. Tudo isto, para começar, reduzia a distância entre os padrões comportamentais e emocionais de adultos e crianças. Vemos, mais uma vez, como é importante para a compreensão de uma constituição psíquica mais antiga — e de nossa própria — observar o aumento dessa distância, a formação gradual de uma área segregada especial na qual as pessoas vêm, aos poucos, a passar os primeiros doze, quinze e agora quase vinte anos de sua vida. O desenvolvimento biológico humano em tempos mais antigos não tomou um curso diferente do de hoje. Só com relação a essa mudança social podemos compreender melhor todos os problemas de “crescer” como se apresentam hoje e, com eles, os “resíduos infantis” na estrutura de personalidade de pessoas crescidas (adultos). A diferença mais pronunciada entre as roupas de crianças e adultos em nosso tempo é apenas uma expressão particularmente visível

desse fato. E, também essa diferença era mínima no tempo de Erasmo e durante um longo período depois.

6. A um observador moderno talvez surpreenda o mero fato de Erasmo, em seus *Coloquios*, falar a uma criança de prostitutas e das casas em que elas viviam. Em nosso estágio de civilização parece imoral até mesmo reconhecer em um livro escolar a existência desses antros. Eles na verdade existem e existem como enclaves mesmo na sociedade dos séculos XIX e XX. Mas o medo e a vergonha com que a área sexual da vida instintiva, como muitas outras, é cercada desde os primeiros anos, a “conspiração do silêncio” observada no discurso social a respeito desses assuntos, está praticamente completa. É proibida a simples menção de tais opiniões e instituições na vida social e referências a ela na presença de crianças são um crime que lhes macula a alma ou, no mínimo, um erro muito grave de condicionamento.

Nos tempos de Erasmo era considerado como natural que as crianças soubessem da existência dessas casas. Ninguém as escondia. Na melhor das hipóteses, as crianças eram advertidas contra elas. Erasmo faz justamente isso. Se lermos apenas os livros educativos da época, a menção de tais instituições sociais poderá até parecer uma idéia peculiar, a idiosincrasia do indivíduo Erasmo. Mas, ao sabermos como crianças viviam realmente com adultos, e como era ténue o véu de sigilo entre os próprios adultos e, em consequência, entre eles e as crianças, compreendemos que conversas como as redigidas por Erasmo e Morisot se relacionam diretamente ao padrão vigente em suas épocas. Eles podiam contar com o fato de que crianças sabiam de tudo a esse respeito. Era algo aceito como natural. E acharam que era seu dever como educadores mostrar às crianças como deviam se conduzir no tocante a essas instituições.

Talvez não pareça significativo lembrar que essas casas eram discutidas, abertamente, nas universidades. Mas os estudantes ingressavam na universidade muito mais jovens do que hoje. Constitui bom exemplo do tema deste capítulo observar que a prostituta era tópico até mesmo de discursos públicos cômicos nas universidades. Em 1500, um mestre de artes em Heidelberg falou “De fide meretricum in suos amatores” (Da fidelidade das prostitutas aos seus amantes), outro “De fide concubinarum” (Da fidelidade de concubinas), um terceiro sobre “Do monopólio da guilda dos suínos” e mais um “De generibus ebriosorum et ebrietate vitanda” (Dos tipos de bêbados e de como evitar a embriaguez).⁸⁹

E exatamente o mesmo fenômeno transporece em numerosos sermões da época. Não há indicação de que as crianças fossem excluídas das pláticas. Essa forma de relação extra-conjugal era certamente condenada nos círculos eclesiásticos e em muitos seculares. Mas a proibição social não estava ainda gravada, como autocontrole, no indivíduo a ponto de tornar embaraçoso o próprio fato de falar nesse assunto em público. A sociedade

não proibiria ainda todos os discursos que mostrassem que o indivíduo sabia de alguma coisa a esse respeito.

Esta diferença se torna ainda mais clara se levamos em conta a situação, nas cidades medievais, das mulheres que vendiam seus favores. Como ocorre hoje em muitas sociedades fora da Europa, elas tinham um lugar próprio e bem definido na vida pública da cidade medieval. Em algumas cidades, disputavam até corridas em dias de festa.⁹⁰ Com frequência eram enviadas para dar as boas-vindas a visitantes ilustres. Em 1438, por exemplo, nos assentamentos da escrituração da cidade de Viena, lemos: “Pelo vinho para as mulheres comuns, 96 Kreuzers para as mulheres que foram ao encontro do rei, 96 Kreuzers para o vinho.”⁹¹ Ou o prefeito e o conselheiro da cidade conseguiam para visitantes ilustres acesso gratuito aos prostíbulos. Em 1434, o imperador Segismundo agradeceu publicamente ao magistrado da cidade de Berna por ter posto o prostíbulo gratuitamente à sua disposição e de seus acompanhantes durante três dias.⁹² Isto, tal como o banquete, fazia parte da hospitalidade concedida a visitantes de alta classe.

As prostitutas formavam na vida da cidade uma guilda com certos direitos e obrigações, como qualquer outra categoria profissional. E, como qualquer outro grupo profissional, ocasionalmente se defendiam contra concorrência desleal. Em 1500, por exemplo, certo número delas procurou o prefeito de uma cidade alemã para se queixar de outra casa onde era praticada a profissão para a qual a delas tinha a exclusividade legal. O prefeito deu-lhes permissão para entrar nessa casa, onde elas quebraram tudo e surraram a madame. Em outra ocasião, arrastaram uma concorrente de sua casa e obrigaram-na a morar na delas.

Em suma, a situação social das prostitutas era semelhante à do carasco, baixa e desprezada, mas inteiramente pública e não encerrada em sigilo. Esta forma de relação extraconjugal entre homem e mulher não fora ainda removida para “o fundo da cena”.

7. Até certo ponto, isto aplicava-se também às relações sexuais em geral, mesmo às matrimoniais. Os costumes nos casamentos dão-nos uma idéia disso. A procição à câmara nupcial era liderada pelos padrinhos. A noiva era despida pelas damas de companhia e tinha que tirar tudo. O leito nupcial precisava ser montado na presença de testemunhas para que o casamento fosse válido. Eles “se detavam juntos”⁹³ “Uma vez na cama, vocês estão devidamente casados”, dizia o ditado. Em fins da Idade Média, este costume mudou gradualmente e o casal teve permissão de se deitar vestido. Sem dúvida esses costumes variavam um pouco, segundo classes e países. Ainda assim, a velha forma foi conservada em Lübeck, por exemplo, até a primeira década do século XVII.⁹⁴ Mesmo na sociedade absolutista da França, noiva e noivo eram levados à cama pelos

convidados, despedidos e presenteados com suas camisolas. Tudo isto é sintomático de um diferente padrão de vergonha a respeito das relações entre os sexos. Através desses exemplos, formamos uma percepção mais clara do padrão específico de vergonha que, aos poucos, se torna predominante nos séculos XIX e XX. Nesse período, mesmo entre adultos, tudo o que fosse relativo à vida sexual foi escondido ao máximo e removido para o fundo da cena. Esse o motivo por que foi possível, e também necessário, ocultar este lado da vida das crianças durante longo período. Nas fases precedentes das relações entre os sexos, juntamente com as instituições atinentes a elas, incorporava-se muito mais diretamente à vida pública. Por isso mesmo, nada mais natural que as crianças conhecessem desde muito cedo esse lado da vida. Do ponto de vista do condicionamento, não há necessidade de sobrecarregar essa esfera da vida com tabus e sigilo na extensão que se tornou necessária, em uma fase posterior da civilização, devido um diferente padrão de comportamento.

Na sociedade aristocrática de corte, a vida sexual era por certo muito mais escondida do que na sociedade medieval. O que o observador de uma sociedade industrializada-burguesa amide interpreta como "frivolidade" da sociedade de corte nada mais é do que essa orientação rumo à privacidade. Não obstante, medidos pelo padrão de controle dos impulsos na própria sociedade burguesa, o ocultamento e a segregação da sexualidade na vida social, tanto quanto na consciência, foram relativamente sem importância nessa fase. Aqui, também, o julgamento de fases posteriores é com frequência induzido em erro porque os padrões, da pessoa que julga e da aristocracia de corte, são considerados como absolutos e não como opostos inseparáveis, e também porque o padrão próprio é utilizado como medida de todos os demais.

Nesta sociedade, também, a relativa franqueza com que as funções naturais são comentadas entre adultos é acompanhada por maior liberdade de fala e ação na presença de crianças. São numerosos os exemplos a este respeito. Em um exemplo particularmente ilustrativo, numa corte no século XVII vive uma pequenina Mlle. de Bouillon, que tem seis anos de idade. As senhoras das cortes conversam muito com ela e, certo dia, fazem uma brincadeira: tentam convencer a menina que ela está grávida. A menininha nega isso. Defende-se. É absolutamente impossível, diz, e discutem muito. Certo dia, porém, ao acordar, descobre um recém-nascido na cama ao seu lado. Espantada, diz ela em toda sua inocência: "De modo que isto só aconteceu com a Virgem Maria e comigo porque não senti nenhuma dor." Essas palavras passam de boca em boca e o pequeno caso torna-se a diversão de toda a corte." A criança recebe visitas, como é o costume nessas ocasiões. A própria Rainha vem consolá-la e se oferecer como madrinha do bebê. A brincadeira continua e a menininha é pres-

signada para dizer quem é o pai do bebê. Finalmente, após um período de árdas reflexões, ela chega à conclusão que só podem ser o Rei ou o Conde de Guiche, desde que são os dois únicos homens que lhe deram um beijo.⁵⁵ Ninguém leva a mal a brincadeira. Ela se enquadra inteiramente no padrão vigente. Ninguém vê nela um perigo à adaptação da criança a esse padrão, ou à sua pureza espiritual, e evidentemente não é considerada em nada contrária à sua educação religiosa.

8. Só aos poucos, e mais tarde, é que uma associação mais forte de sexualidade com vergonha e embaraço, e a correspondente restrição ao comportamento, se espraiava mais ou menos uniformemente por toda a sociedade. E só quando cresce a distância entre adultos e crianças é que o "esclarecimento de questões sexuais" se torna um "problema agudo".

Citamos acima a crítica aos *Colóquios* de Erasmo formulada pelo conhecido educador Von Raumer. O quadro de toda essa curva de desenvolvimento torna-se ainda mais nítido se estudamos a maneira como o problema da educação sexual, a adaptação da criança ao padrão vigente em sua sociedade, se colocou para esse educador. Em 1857, Von Raumer publicou uma curta obra intitulada *A Educação das Meninas*. O que ele prescreve no livro (p. 72) como modelo de comportamento para adultos, em resposta a perguntas de natureza sexual feita pelas suas filhas, certamente não era a única forma possível de conduta em sua época, mas, apesar disso, é altamente característico do padrão vigente no século XIX nas instruções dadas tanto a meninas quanto a meninos:

Algumas mães são de opinião, fundamentalmente incorreta a meu ver, de que às filhas deve ser dado conhecimento profundo de todas as circunstâncias da família, mesmo de relações entre os sexos, e de que devem ser iniciadas nas coisas que serão seu destino se jamais vierem a casar. Seguindo o exemplo de Rousseau, esta opinião degenerou e se transformou na caricatura mais grosseira e mais repulsiva do Seminário Filantropico de Dessau. Outras mães exageram na direção contrária, dizendo às filhas aquilo que, logo que se tornam mais velhas, tem que se revelar como total falsidade. Como em todos os outros casos, isto é condenável. *Estas coisas não devem ser comentadas absolutamente na presença de crianças, e ainda menos em tom de mistério, que provavelmente só lhes aguçará a curiosidade.* As crianças devem ser deixadas por tanto tempo quanto for possível na crença de que um anjo traz para a mãe os bebês. Esta lenda, costumeira em algumas regiões, é muito melhor do que a história da cegonha, comum em outros lugares. As crianças, se realmente crescem sob os olhos da mãe, raramente fazem perguntas a esse respeito... nem mesmo se a mãe é impedida pelo parto de tê-las em volta de si... Se meninas perguntarem mais tarde como bebês chegam ao mundo, deve-se responder que o bom Deus dá à mãe o bebê, que tem um anjo da guarda no céu que certamente desempenhou um papel invisível na concretização dessa grande alegria. "Você não precisa saber nem poderia compreender como Deus dá as crianças." As meninas devem se contentar com essas respostas em cem casos, e constitui dever da mãe ocupar os

pensamentos das filhas de modo tão completo, com o belo e o bom, que elas não tenham tempo para pensar nesses assuntos... A mãe... deve dizer apenas uma vez, com toda seriedade: "Não seria bom para você conhecer essas coisas e deve tomar cuidado para não escutar nada que se diga a esse respeito." Uma moça realmente bem educada sentirá daí em diante vergonha ao ouvir coisas desse teor.

Entre a maneira de falar sobre relações sexuais representada por Erasmo e a representada aqui por Von Raumer, é visível uma curva de civilização semelhante à mostrada em mais detalhe na manifestação de outros impulsos. No processo civilizador, a sexualidade, também, é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada em um enclave particular, a família nuclear. De maneira idêntica, as relações entre os sexos são segregadas, colocadas atrás de paredes da consciência. Uma aura de embaraço, a manifestação de um medo sociogenético, cerca essa esfera da vida. Mesmo entre adultos é referida apenas com cautela e circunlóquios. E no caso de crianças, especialmente de meninas, essas coisas não são, tanto quanto possível, absolutamente mencionadas. Von Raumer não dá razões por que não se deva falar sobre elas com as crianças. Ele poderia ter dito que é desejável preservar a pureza espiritual das meninas por tanto tempo quanto possível. Mas mesmo essa razão seria apenas uma expressão a mais do quanto haviam avançado em seu tempo a submersão gradual desses impulsos na vergonha e no embaraço. Neste momento é tão natural não falar nesses assuntos como era falar no tempo de Erasmo. E o fato de que ambas as testemunhas convocadas aqui, Erasmo e Von Raumer, fossem cristãos piedosos, que buscavam sua autoridade em Deus, destaca ainda mais a diferença.

Evidentemente não são "racionalais" os motivos subjacentes ao modelo proposto por Von Raumer. Examinado racionalmente, o problema abordado por ele permanece sem solução e o que ele diz soa contraditório. Não explica como e quando a menina deve ser levada a compreender o que está acontecendo e o que lhe acontecerá. A preocupação principal é a necessidade de inculcar "recato" (isto é, sentimento de vergonha, medo, embaraço e culpa) ou, mais exatamente, comportamento que se conforme ao padrão social. E sentimos como é imensamente difícil para o próprio educador vencer a resistência da vergonha e do embaraço que, para ele, envolve essa esfera. Notamos algo de profunda confusão na qual esse fato social colocou o indivíduo: o único conselho que o educador tem para dar às mães é evitar contato em todos os casos possíveis com essas coisas. O que está em jogo aqui não é a falta de percepção ou a inibição de uma pessoa em particular, mas um problema social, e não individual. Apenas aos poucos, como se através de introversão obtida retrospectivamente, foram formulados métodos mais eficazes para adaptar a criança ao grau mais

alto de domínio, comedimento sexual, ao controle, à transformação e à inibição de impulsos que foram indispensáveis à vida nessa sociedade.

O próprio Von Raumer nota em certo sentido que essa área da vida não devia ser envolvida por uma aura de mistério, "que provavelmente só lhes aguçará a curiosidade". Mas uma vez que isto se tornou um "mistério" na sociedade, ele não pode escapar da necessidade de recomendar sigilo em suas próprias regras: "A mãe deve dizer apenas uma vez, com toda seriedade: 'Não seria bom para você conhecer essas coisas...'" Nem motivos "racionalais" nem razões práticas lhe determinam primariamente a atitude, mas, sim, a vergonha dos próprios adultos, que se tornou compulsiva. São as proibições sociais e resistências neles mesmos, seu próprio superego, que os faz guardar silêncio.

Para Erasmo e seus contemporâneos, conforme vimos, o problema não está em esclarecer a criança sobre as relações entre homem e mulher. As crianças descobrem isto por si mesmas através do tipo de instituições e vida social onde crescem. Sendo menor a reserva dos adultos, é menor também a discrepância entre o que é abertamente permitido e o que ocorre por trás da cena. Aqui, a principal tarefa do educador consiste em guiar a criança naquilo que ela já sabe, na direção correta — ou, para ser mais exato, na direção desejada por ele, educador. E é isso o que Erasmo procura fazer através de conversas como a da moça com seu pretendente e a do rapaz com a prostituta. O sucesso do livro mostra que Erasmo detilhou a nota certa no que interessava a muitos de seus contemporâneos.

Uma vez que no curso do processo civilizador o impulso sexual, como tantos outros, está sujeito a controle e transformação cada vez mais rigorosos, muda o problema que ele coloca. A pressão aplicada sobre adultos, para privatizar todos seus impulsos (em especial, os sexuais), a "conspiração de silêncio", as restrições socialmente geradas à fala, o caráter emocionalmente carregado da maioria das palavras relativas a ardores sexuais — tudo isto constrói uma grossa parede de sigilo em volta do adolescente. O que torna o esclarecimento sexual tão difícil — a derrubada desse muro, que um dia será necessária — não é só a necessidade de fazer o adolescente conformar-se ao mesmo padrão de controle de instintos e de domínio como o adulto. É, acima de tudo, a estrutura de personalidade dos próprios adultos que torna difícil falar sobre essas coisas secretas. Com grande frequência, os adultos não encontram o tom nem as palavras. As palavras "chulas" que conhecem estão fora de cogitação. Os termos científicos são desconhecidos de muitos. As considerações teóricas em si não ajudam. E são as repressões sociogenéticas neles que resistem à palavra. Daí o conselho de Von Raumer: falar o mínimo possível sobre esses assuntos. A situação é ainda mais agravada pelo fato de que as tarefas de condicionar e "ensinar" cabem cada vez mais exclusivamente aos pais. As múltiplas relações de amor entre mãe, pai e filho tendem a aumentar a resistência

a tratar dessas questões não só por parte da criança, mas também do pai ou da mãe.*

À vista de tudo isso, torna-se claro como deve ser colocada a questão da infância. Os problemas psicológicos de indivíduos que crescem não podem ser compreendidos se forem considerados como se desenvolvendo uniformemente em todas as épocas históricas. Os problemas relativos à consciência e impulsos instintivos da criança variam com a natureza das relações entre ela e os adultos. Essas relações têm em todas as sociedades uma forma específica correspondente às peculiaridades de sua estrutura. Na sociedade cavaleirosa diferem da vigente na sociedade burguesa urbana; são diferentes, em toda a sociedade secular da Idade Média, do que acontece nos tempos modernos. Por isso mesmo, os problemas decorrentes da adaptação e modelação de adolescentes ao padrão dos adultos — por exemplo, os problemas específicos da puberdade em nossa sociedade civilizada — só podem ser compreendidos em relação à fase histórica, à estrutura da sociedade como um todo, que exige e mantém esse padrão de comportamento adulto e esta forma especial de relacionamento entre adultos e crianças.

9. Um processo civilizador análogo ao da “educação sexual” poderia ser demonstrado a respeito do casamento e de sua evolução na sociedade ocidental. Em termos gerais, é indubitavelmente correto que o casamento monogâmico constitui a instituição predominante reguladora das relações sexuais no Ocidente. Não obstante, o controle efetivo e a modelação das relações sexuais mudou consideravelmente no curso da história ocidental. A Igreja evidentemente lutou desde cedo pelo casamento monogâmico. Mas o casamento assume essa forma rigorosa como instituição social obrigatória para ambos os sexos apenas em um estágio posterior, quando os impulsos e ardores caíram sob controle mais firme e estrito. Porque só então as relações extra-matrimoniais dos homens foram, na verdade, proibidas socialmente, ou pelo menos sujeitas a sigilo absoluto. Em fases anteriores, dependendo do balanço do poder social entre os sexos, as relações extra-conjugais para os homens e, às vezes, também para as mulheres eram aceitas mais ou menos como naturais pela sociedade secular. Até o século XVI, ouvimos referido com grande frequência que, nas famílias dos cidadãos mais respeitáveis, os filhos legítimos e ilegítimos do marido são criados juntos e que nenhum segredo é feito da diferença na presença das próprias crianças. O homem não fora ainda forçado socialmente a sentir vergonha de seus relacionamentos extra-maritais. A despeito de todas as tendências compensadoras que sem dúvida já existem, costuma ser aceito como

natural que os filhos bastardos façam parte da família, que o pai deva prover-lhes o futuro e, nos casos de filhas, arranjá-lhes um casamento honrado. Mas sem dúvida isto levou mais de uma vez a um “sério desentendimento”⁵⁶ se entre marido e mulher.

A situação do filho ilegítimo não é sempre e em toda a parte a mesma na Idade Média. Apesar disso, porém, durante longo tempo não há sinal da tendência ao segredo que mais tarde, numa sociedade burguesa-profissional, responderá à tendência a um confinamento mais rigoroso da sexualidade na relação de um homem com uma única mulher, no controle mais rigoroso dos impulsos sexuais e na pressão mais forte das proibições sociais. Neste particular, também, as exigências da Igreja não podem ser consideradas como o padrão vigente na sociedade secular. Na realidade, se não sempre na lei, a situação de filhos ilegítimos na família diferia da dos filhos legítimos apenas no sentido em que os primeiros não herdavam o *status* do pai nem, de modo geral, sua riqueza, ou pelo menos não na mesma proporção que os legítimos. Que pessoas da classe alta chamassem a si mesmas clara e orgulhosamente de “bastardos” é fato bem conhecido.⁵⁷

O casamento nas sociedades de cortes absolutistas dos séculos XVII e XVIII derivava seu caráter especial do fato de que, devido à estrutura das mesmas, pela primeira vez fora quebrado o domínio do marido sobre a esposa. O poder social da esposa é quase igual ao do marido. A opinião social é formulada, em alto grau, pelas mulheres. E, se a sociedade até então aceitara apenas as relações extra-conjugais dos homens, considerando-as do “sexo [socialmente] mais fraco” como mais ou menos representáveis, essas relações por parte das mulheres parecem nesse momento, dentro de certos limites devido à mudança no equilíbrio de poder entre os sexos, como legítimas.

Resta mostrar no detalhe que importância essa primeira grande mudança nas relações de poder ou, se preferirem, esta primeira onda de emancipação de mulheres nas cortes absolutistas, teve no processo civilizador, no deslocamento da fronteira de vergonha e do embaraço e no fortalecimento do controle social sobre o indivíduo. Da mesma forma que as mudanças nas relações de poder, a ascensão social de outros grupos sociais exigiu novas formas de controle dos impulsos em um nível intermediário entre os previamente impostos aos governantes e aos governados, de modo que esse fortalecimento da posição feminina na sociedade implicou (dizendo esquematicamente) uma diminuição nas restrições aos seus impulsos e um aumento das restrições nos dos homens. Ao mesmo tempo, forçou ambos os sexos a adotar uma autodisciplina nova e mais rigorosa em suas relações recíprocas.

No famoso romance *La Princesse de Clèves*, de autoria de Madame de La Fayette, o marido da princesa, que sabe que ela está apaixonada pelo duque de Nemours, diz: “Confiarei apenas em você. Este é o caminho que

* Lembremos que este livro foi escrito em 1939. (RJR)

meu coração me aconselha a tomar, e também a razão. Com um temperamento como o seu, *deixando-lhe sua liberdade, eu lhe estabeleço limites mais estreitos* do que eu poderia fazer cumprir.”⁹⁸

Este é um exemplo da autodisciplina exigida por essa situação para ambos os sexos. O marido sabe que não pode conservar a esposa pela força. Não trevaria nem berra porque a esposa ama outro homem, nem apela para seus direitos como marido. A opinião pública não coonestaria nada disso. Ele se controla. Mas ao fazê-lo espera dela a mesma autodisciplina que impõe a si mesmo. Isto é um exemplo muito característico de uma nova constelação que surge com a redução da desigualdade social entre os sexos. Fundamentalmente, não é tal ou qual marido, enquanto indivíduo, que concede essa liberdade à esposa. Ela se fundamenta na estrutura da própria sociedade. Mas exige também um novo tipo de comportamento. Produz conflitos muito específicos. E certamente há grande número de mulheres nessa sociedade que usam de tal liberdade. Há evidência de sobra de que, nessa aristocracia de corte, a restrição a relações sexuais ao casamento era freqüentemente considerada como burguesa e socialmente descabida. Não obstante, tudo isto dá uma idéia de como um tipo específico de liberdade corresponde diretamente a formas e estágios particulares de interdependência social entre seres humanos.

As formas linguísticas não-dinâmicas, às quais continuamos presos, opõem liberdade a coerção como se fossem céu e inferno. A curto prazo, esse raciocínio em opostos absolutos muitas vezes se mostra razoavelmente adequado. Para quem está na prisão, o mundo do outro lado das grades é um mundo de liberdade. Mas, examinando o assunto com mais cuidado, não há, ao contrário do que sugerem análises como essas, uma suposta liberdade “absoluta”, se por ela entendemos total independência e ausência de qualquer coerção social. O que há é liberdade, de uma forma de restrição opressiva ou intolerável para outra, menos pesada. Dessa maneira, o processo civilizador, a despeito da transformação e aumento das limitações que impõe às emoções, é acompanhado permanentemente por tipos de libertação dos mais diversos. A forma de casamento nas cortes absolutistas, simbolizada pela igual disposição de salas de estar e quartos de dormir para homens e mulheres nas mansões da aristocracia de corte, constitui um dos muitos exemplos desta situação. A mulher era mais livre de restrições externas do que na sociedade feudal. Mas a coerção interior que ela era obrigada a impor a si mesma de acordo com a forma de integração e com o código de comportamento em vigor na sociedade de corte, que se originavam ambos dos mesmos aspectos estruturais dessa sociedade que engendram sua “libertação”, havia aumentado para ela e para os homens, em confronto com a sociedade cavaleirosa.

O mesmo vemos se compararmos a forma burguesa de casamento do século XIX com a da aristocracia de corte dos séculos XVII e XVIII.

Neste último período, a burguesia como um todo está livre das pressões de uma sociedade absolutista estatal. Burgueses e burguesas libertaram-se das limitações externas a que estiveram sujeitos como pessoas de segunda classe, na hierarquia dos estamentos. Aumentou o entrelaçamento de comércio e dinheiro, cujo crescimento lhes deu o poder social necessário para se libertarem. Mas, neste aspecto, as limitações sociais do indivíduo também são mais fortes do que antes. O padrão de autocontenção imposto às pessoas da sociedade burguesa por suas ocupações é, em muitos aspectos, diferente do imposto à vida emocional pelas funções da sociedade de corte. Em numerosas facetas da “economia emocional”, as funções burguesas — acima de tudo, a vida empresarial — exigem e geram maior autocontrole do que as funções de corte. O motivo por que o trabalho como ocupação, que com a ascensão da burguesia se tornou estilo geral de vida, deveria exigir uma disciplina particularmente rigorosa da sexualidade é uma questão independente; as ligações entre a estrutura da personalidade e a social no século XIX não cabem aqui. Não obstante, para os padrões da sociedade burguesa, o controle da sexualidade e a forma de casamento vigentes na sociedade de corte eram extremamente débeis. A opinião social condena agora (no século XIX) todas as relações extra-matrimoniais entre os sexos, embora nesta esfera, ao contrário da sociedade de corte, o poder social do marido volte a ser maior que o da esposa, de modo que a violação do tabu pelo marido geralmente é julgada com mais condescendência do que a mesma falta cometida pelas mulheres. Mas ambas as quebras de padrão têm, nessa época, de ser inteiramente excluídas da vida social oficial. Ao contrário do que acontece na corte, devem ser rigorosamente confinadas atrás da cena, banidas para o reino do segredo. Este é apenas um dos muitos exemplos do aumento da reserva e do autocontrole que o indivíduo então se impõe.

10. O processo civilizador não segue uma linha reta. A tendência geral da mudança pode ser identificada, como aqui fizemos. Em escala menor, observamos os mais diversos movimentos que se entrecruzam, mudanças e surtos nesta ou naquela direção. Mas se estudarmos o movimento da perspectiva de grandes períodos de tempo, vemos claramente que diminuem as compulsões originadas diretamente na ameaça do uso das armas e da força física, e que as formas de dependência que levam à regulação dos efeitos, sob a forma de autocontrole, gradualmente aumentam. Esta mudança desponta em seu aspecto mais retilíneo se observarmos os homens da classe alta do tempo — isto é, a classe composta inicialmente de guerreiros ou cavaleiros, em seguida de cortesãos, e finalmente de profissionais burgueses. Se analisamos o tecido de muitas camadas do desenvolvimento histórico, contudo, verificamos que o movimento é infinitamente mais complexo. Em todas as fases ocorrem numerosas flutuações, freqüentes avanços ou recuos dos controles internos e externos. O estudo dessas flutuações,

particularmente das mais próximas de nós no tempo, pode facilmente obscurecer a tendência geral. Uma delas está presente ainda hoje na memória de todos: no período que se seguiu à I Guerra Mundial, em comparação com o período anterior à guerra, parece ter ocorrido uma “relaxação da moral”. Certo número de limitações impostas ao comportamento antes da guerra debilitou-se ou desapareceu inteiramente. Muitas coisas antes proibidas passaram a ser permitidas. Visto bem de perto, o movimento parece estar ocorrendo na direção oposta à demonstrada aqui, a levar a uma relaxação dos controles impostos ao indivíduo pela vida social. Apurando-se o exame, porém, não é difícil notar que isto é apenas uma recessão muito ligeira, uma das flutuações que constantemente ocorrem na complexidade do movimento histórico, em cada fase do processo total.

Um dos exemplos no particular é o das roupas de banho. No século XIX, caíria no ostracismo social a mulher que usasse em público os costumes de banho ora comuns. Mas essa mudança, e com ela toda a difusão do esporte entre ambos os sexos, pressupõe um padrão muito elevado de controle de impulsos. Só numa sociedade na qual um alto grau de controle é esperado como normal, e na qual as mulheres estão, da mesma forma que os homens, absolutamente seguras de que cada indivíduo é limitado pelo autocontrole e por um rigoroso código de etiqueta, podiam surgir traços de banho e esporte com esse relativo grau de liberdade. É uma relaxação que ocorre dentro do contexto de um padrão “civilizado” particular de comportamento, envolvendo um alto grau de limitação automática e de transformação de emoções, condicionados para se tornarem hábitos.

Paralelamente, contudo, encontramos também em nossa própria época os precursores de uma mudança para o cultivo de restrições novas e mais rigorosas. Em algumas sociedades são feitas tentativas de estabelecer uma regulamentação social e controle de emoções muito mais forte e consciente do que o padrão até então predominante, um padrão de modelação que impõe renúncias e transformação de impulsos ao indivíduo, com vastas consequências para a vida humana que ainda mal são previsíveis.

11. Pouco importando, por conseguinte, como as tendências podem se entrecruzar, avançar e recuar, relaxar ou apertar em pequena escala, a direção do movimento principal — tanto quanto visível até agora — é a mesma para todos os tipos de comportamento. O processo de civilização do impulso sexual, visto em escala mais ampla, corre paralelo ao de outros impulsos, sejam quais forem as diferenças sociogenéticas de detalhes que possam estar presentes. Neste campo, também, se medido pelos dos padrões masculinos nas sucessivas classes dominantes, o controle torna-se sempre mais rigoroso. O instinto é lento mas progressivamente eliminado da vida pública da sociedade. Aumenta também a reserva que deve ser observada nas referências a ele.⁹⁹ E esta limitação, como todas as demais, é feita cumprir cada vez menos pela força física direta. Na verdade, é cultivada desde

tenra idade no indivíduo, como autocontrole habitual, pela estrutura da vida social, pela pressão das instituições em geral, e por certos órgãos executivos da sociedade (acima de tudo, pela família) em particular. Por conseguinte, as injunções e proibições sociais tornam-se cada vez mais parte do ser, de um superego estritamente regulado.

Tal como outros impulsos, a sexualidade é confinada cada vez mais exclusivamente, tanto para os homens como para as mulheres, num enclave particular, o casamento socialmente legitimado. A tolerância social para com outros relacionamentos, tanto de marido como de mulher, que de maneira nenhuma faltava antes, é reprimida cada vez mais, ainda que com altos e baixos. Todas as violações dessas restrições, e tudo o que conduz a uma delas, é por conseguinte relegado ao reino do segredo, do que não pode ser mencionado sem perda de prestígio ou de posição social.

E da mesma forma que a família nuclear só aos poucos se tornou, e de forma tão exclusiva, o único enclave legítimo da sexualidade e de todas as funções íntimas de homens e mulheres, assim também só em um estágio tardio ela se transformou no órgão principal para cultivar o controle socialmente exigido dos impulsos, e do comportamento dos jovens. Antes de ser alcançado este grau de restrição e privacidade, e até que o isolamento da vida instintiva da vida pública fosse rigorosamente prescrito, a tarefa do condicionamento precoce não dependia tanto do pai e da mãe. Todas as pessoas que intervêm no cuidado das crianças — e, quando a privacidade era menor e o interior da casa menos isolado, elas eram numerosas — desempenhavam um papel. Além disso, a própria família era geralmente mais numerosa e — na classe alta — mais abundantes os servidores domésticos, naqueles tempos. As pessoas falavam em geral com mais franqueza sobre os vários aspectos da vida instintiva e cediam mais livremente aos seus próprios impulsos em atos e palavras. Era menor a vergonha associada à sexualidade. É isto o que torna tão difícil de entender por pedaços de uma fase posterior o trabalho educacional de Erasmo, acima citado. Assim, o condicionamento, a reprodução de hábitos sociais na criança, não ocorria tão exclusivamente atrás de portas fechadas, por assim dizer, mas de forma mais direta, na presença de outras pessoas. Uma forma de maneira nenhuma rara desse tipo de condicionamento na classe alta pode ser encontrada, por exemplo, no diário do dr. Jean Héroard, que registra dia a dia e quase hora a hora a infância de Luís XIII, o que ele dizia e fazia enquanto crescia.

Não deixa de ter um toque paradoxal o fato de que, à medida que aumentam o controle, a restrição e o ocultamento de ardores e impulsos que são exigidos do indivíduo pela sociedade e, por conseguinte, se torna mais difícil o condicionamento dos jovens, mais a tarefa de instilar os hábitos socialmente requeridos se concentra na família nuclear, no pai e na mãe. O mecanismo de condicionamento, contudo, pouco difere do usado

em épocas anteriores. Isto porque não implica uma supervisão mais rigorosa da tarefa, ou planejamento mais exato que leve em conta as circunstâncias especiais da criança, mas é efetuado, principalmente e por meios automáticos e, até certo ponto, por reflexos. A constelação socialmente modelada de hábitos e impulsos dos pais dá origem a outra, semelhante, no filho. Elas podem operar ou na mesma direção ou em outra inteiramente diferente da desejada ou esperada pelos pais com base em seu próprio condicionamento. A inter-relação dos hábitos de pais e filhos, através da qual a vida instintiva da criança é lentamente modelada, é assim determinada por nada menos do que pela "razão". Conduta e palavras associadas pelos pais à vergonha e repugnância são muito cedo associadas da mesma maneira pelos filhos, através de manifestações de desagradado dos pais, por pressão mais ou menos suave. Desta maneira, o padrão social de vergonha e repugnância é gradualmente reproduzido no filho. Mas esse padrão forma simultaneamente a base e o contexto das mais diversas formações de impulsos individuais. A maneira como a personalidade em crescimento é modelada em casos particulares por essa incessante interação social entre os sentimentos, hábitos e reações de pais e filhos é, no momento, em grande parte imprevisível e incalculável.

12. A tendência do processo civilizador a tornar mais íntimas todas as funções corporais, a encerrá-las em enclaves particulares, a colocá-las "atrás de portas fechadas", produz diversas conseqüências. Uma das mais importantes, já observada em conexão com várias outras formas de impulsos, notamos com especial clareza no desenvolvimento de limitações civilizadoras à sexualidade. É a peculiar divisão dentro do homem, que se acen-tua na mesma medida em que os aspectos da vida humana que podem ser exibidos na vida social são separados dos que não podem, e que devem permanecer "privados" ou "secretos". A sexualidade, tal como todas as demais funções humanas naturais, é fenômeno de todos conhecido e é parte de toda vida humana. Vimos como todas essas funções são, aos poucos, carregadas com vergonha e embaraço sociogenéticos, de modo que a simples menção delas em sociedade passa cada vez mais a estar sujeita a grande número de controles e proibições. Cada vez mais, as pessoas mantêm as próprias funções, e tudo o que as lembra, ocultas uma das outras. Nos casos em que isto não é possível — como no casamento, por exemplo —, a vergonha, o embaraço, o medo e todas as demais emoções associadas a essas forças motivadoras da vida humana são dominados por um ritual social precisamente regulado e por certas fórmulas de ocultamento, a fim de preservar o padrão de vergonha. Em outras palavras, com o avanço da civilização a vida dos seres humanos fica cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública, entre comportamento secreto e público. E esta divisão é aceita como tão natural, torna-se um hábito tão compulsivo, que mal é percebida pela consciência.

Juntamente com essa crescente divisão do comportamento no que é e não é publicamente permitido, a estrutura da personalidade também se transforma. As proibições apoladas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca — estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância, entram em luta no interior do indivíduo. Este, conforme já apontamos, é o estado de coisas que Freud tenta descrever através de conceitos como "superego" e "inconsciente" ou, como se diz não sem razões na fala diária, como "subconsciente". Mas, como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo. E este elemento, o superego, tal como a estrutura da personalidade do indivíduo como um todo, necessariamente muda com o código social de comportamento e a estrutura da sociedade. A acentuada divisão do "ego", ou consciência, característica do homem em nossa fase de civilização, que encontra expressão em termos como "superego" e "inconsciente", corresponde à cisão específica no comportamento que a sociedade civilizada exige de seus membros. É igual ao grau de regulamentação e restrição impostas à expressão de necessidades profundas e impulsos. Tendências nessa direção podem se desenvolver sob qualquer forma na sociedade humana, mesmo naquelas que chamamos de "primitivas". Mas a força adquirida em sociedades como a nossa por essa diferenciação, e a forma como ela aparece, são reflexo de um desenvolvimento histórico particular, são resultado de um processo civilizador.

É isso o que temos em mente quando nos referimos aqui à constante correspondência entre a estrutura social e a estrutura da personalidade, do ser individual.

X

Mudanças na Agressividade

A estrutura emocional do homem é um todo. Podemos dar a instintos particulares diferentes nomes, de acordo com suas diferentes orientações e funções, falar de fome ou de necessidade de escarrar, de desejos sexuais e de impulsos agressivos, mas, na vida, esses vários instintos não podem ser mais separados do que o coração do estômago, ou o sangue no cérebro do